

# 1

Cristiele Borges dos Santos  
Elaine Conte

## **As mini- histórias à luz de experiências contemporâneas**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.862.18-43



## CONVERSAS INICIAIS

“A robustez do fio não está no fato de que uma fibra percorre toda a sua extensão, mas de que muitas fibras são trançadas umas com as outras”

(WITTGENSTEIN, 1984, p. 580).

O trabalho propõe abordar algumas experiências voltadas para as práticas estéticas e pedagógicas das mini-histórias, privilegiando as articulações de um trabalho desenvolvido por meio de experiências formativas potentes e seus modos de transformação através de narrativas visuais e processuais com professores. Trata-se de um recorte dos espaços e tempos como forma de partilha de experiências coletivas capazes de inspirar outros profissionais a pensarem sobre pesquisas da própria prática, buscando formas de expressar os processos de aprendizagem na Educação Infantil. As mini-histórias se configuram como um meio contemporâneo de narrar o cotidiano infantil e documentar a formação, produzindo registros visuais com significados, tendo as crianças como os verdadeiros protagonistas. Discutimos também a importância da (co)autoria dos(as) professores(as) que trabalham com a primeira infância e a necessidade emergente de formação permanente sobre o próprio trabalho pedagógico, no momento decisivo de uma ação e de uma significação.

A argumentação se concentra em apresentar algumas experiências projetadas a partir de um curso em sua fase de formação realizado para a implementação de um laboratório de aprendizagem com professores sobre mini-histórias. Além disso, discutirá em que medida as mini-histórias como parte da documentação pedagógica acompanhadas por uma intencionalidade de registros visuais no cotidiano da Educação Infantil (EI) podem ser entendidas como um processo de pesquisa educacional durante a fase de formação integral na EI, bem como uma estratégia usada para contribuir com os novos significados na pesquisa baseada na cultura da infância.

Ao reconhecer e estudar sobre as mini-histórias e outras práticas diferenciadas possíveis na EI, abordamos a necessidade da documentação pedagógica e do uso de recursos visuais para realizar análises e pesquisas com crianças. Vamos explorar as possibilidades da documentação pedagógica por meio da experiência com mini-histórias como um processo formativo usado com o objetivo de encontrar outras formas de produção de conhecimento na primeira infância, tendo em vista o medo do trabalho com crianças pequenas, que se transforma em encantamento e curiosidade epistemológica, para oferecer a essas crianças condições de possibilidade a novas formas de conhecer e explorar o mundo, a partir de um trabalho pedagógico qualificado (SANTOS; CONTE, 2018; SANTOS; CONTE; HABOWSKI, 2019).

Mini-histórias são breves relatos poéticos (de cuidado estético) acompanhados de sequência de imagens oriundos da vida cotidiana na escola. O compartilhamento dessas mini-histórias com as crianças, famílias e a comunidade escolar é uma forma de conversar e comunicar aprendizagens, narrando uma criança protagonista que aprende através da curiosidade e da interação com o mundo. Começamos a escrita colaborativa das mini-histórias em 2017 e, desde então, ampliamos e aperfeiçoamos o nosso entendimento sobre esta abordagem de pesquisa na Educação Infantil, assim como as formas de (re)elaboração e reconstrução das mini-histórias. As mini-histórias vêm ganhando espaço e amparo legal, especialmente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na etapa da Educação Infantil, projetada a partir da garantia de direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, por meio de campos de experiências, além de ser alvo de pesquisas nos últimos anos (BRASIL, 2017; FOCHI, 2015, 2019). As mini-histórias permitem a construção de conhecimentos visuais na infância que vão da documentação à narração por imagens. Em tempos de pandemia e de distanciamento físico, também podemos documentar as interações com a cultura da infância, por meio de mini-histórias, conforme os dois

registros de brincadeiras e narrativas, entre outros, que surgiram nesse período de acompanhamento via educação remota.

## Brincando juntos

Nossos encontros online tem se revelado como momentos especiais de fortalecimento de vínculos. Muitas foram as vezes que já acompanhamos a brincadeira de esconder em nossa escola, que recorda a infância a qualquer coração e arranca sorrisos de todos, mas não imaginariamos acompanhar esta brincadeira através de uma tela. Mario Quintana diz que "as crianças não brincam de brincar, brincam de verdade". Esta é a verdade delas, a brincadeira, seja em qual contexto for. E a brincadeira a cada semana tem aproximado as crianças mesmo que virtualmente. Elas surgem espontaneamente, com o amigo que esconde-se atrás do sofá, e o cobertor que está pertinho porque está muito frio.

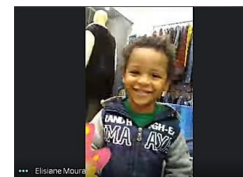
- **Rafaa.** (Pedro chama e sorri).

- **Aquiii, uuuu!** (Rafaela)



Percebo o olhar encantado na tela dos professores e famílias, e reflito sobre a beleza e a gratidão de termos a possibilidade de mesmo por alguns instantes estarmos "juntos".

Turma FE2 Julho/2020  
Crianças: Pedro, Rafaela  
Texto e imagens - Cristiele



## Um pedido especial

Rubem Alves afirma que as crianças sabem o essencial da vida, que nos ensinam as razões para viver mesmo sem falar (ou no caso da Rafa falando e argumentando muito).

No dia do seu aniversário Rafaela e a mãe passavam perto da escola. Reconhecendo o caminho Rafa já avisou sua mãe que precisava ir até lá um pouco. Quando se aproximaram mais, ficaram observando na esperança de ver alguém. Rafa então disse para sua mãe que era tão estranho não ter ninguém na escola, muito triste nenhuma criança brincando, e nem os professores e então pediu para ir até lá dizendo que "era só apertar o botão" que iam abrir o portão para elas. Chegando lá, encontraram tudo fechado, ela ficou calada e seus olhos procuravam naquele vazio algum vestígio da presença de alguém. Sentou-se no chão, e concluiu que não tinha ninguém e que iria esperar um pouco. A mãe aguardou, e então explicou que por enquanto a escola estava fechada para a segurança de todos e que tudo isso iria passar. Rafa então nesse momento começou a fazer muitos planos para a volta, que iam desde o abraço diário aos professores e amigos que tanto tem sentido falta, até as listas de brincadeiras em todos os espaços da escola e foi numerando tudo que faria: brincar na caixa de areia, desenhar na sessão, usar tinta, brincar com os amigos, ver o Bueno... Entre os planos, a sensibilidade da mãe em escutá-la, e a esperança de retornar à escola e ocupar esse espaço que ela sabe que é seu, Rafa aceitou voltar para casa. As crianças tem olhos e corações encantados, e nos enchem de esperança de que quando tudo estiver bem, voltaremos a ocupar esse espaço, redescobrimo o fascínio e a beleza de podermos simplesmente estar juntos.



Turma FE2  
Texto - Cristiele  
Imagens: Cicera, mãe da Rafaela  
Criança - Rafaela

Os detalhes da conversa, foram descritos pela mãe por mensagem.

Junho/2020

Fonte: Facebook da Escola (<http://www.facebook.com/emei.joaninha>), 2020.

Tudo indica que compartilhar essa proposta traz inquietações e dúvidas de profissionais da educação relacionados ao tema. No entanto, experimentar as pesquisas com mini-histórias desde a Educação Infantil provoca o olhar do professor sobre o próprio trabalho pedagógico e desacomoda-o nas estratégias durante a jornada na escola com as crianças. Projetar ações e fortalecer novas metodologias se apresenta como um convite para a produção do conhecimento e para dialogar sobre o tema com professores em constante formação. Trata-se de uma oportunidade de ensinar e de aprender, pois ensinar é um processo indissociável do aprender. O objetivo das oficinas sobre mini-histórias não era oferecer algo pronto em forma de um manual de como produzi-las, mas justamente de gerar o processo formativo e reconstrutivo presente na própria prática pedagógica e na escrita delas. O professor pesquisador pode encontrar-se com a Educação Infantil que gera o reconhecimento profissional desde a infância. Além das oficinas apresentadas e ilustradas ao longo deste ensaio, também estão relatados os desdobramentos dessa atuação nas participações em fóruns da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, em 2017, 2018 e 2019. A seguir, apontamos como ocorreram as oficinas pedagógicas e os debates em torno dos impactos e inquietações metodológicas desta investigação na Educação Infantil, assim como seus desdobramentos e reflexões nos processos formativos e pedagógicos com as oficinas acerca das mini-histórias.

## PROCESSOS PEDAGÓGICOS VERSUS OFICINAS DE MINI-HISTÓRIAS

“O conhecimento é sempre tradução e construção. Resulta daí que todas as observações e todas as concepções devem incluir o conhecimento do observador-conceitualizador. Não ao conhecimento sem autoconhecimento. Todo o conhecimento supõe ao mesmo tempo separação e comunicação”.

(MORIN, 2006, p. 136).

O enfoque metodológico da pesquisa-formação (JOSSO, 2006) serviu de base para a reflexão sobre a prática, cujos elementos observáveis das oficinas realizadas foram registrados nesse ensaio, a fim de compreender, ressignificar e projetar narrativas (auto)formativas. As discussões das oficinas aqui elencadas foram orientadas por três momentos pedagógicos, com o objetivo principal de produzir noções básicas e o reconhecimento das mini-histórias nos processos pedagógicos da Educação Infantil. As educadoras concordaram em participar de forma voluntária do estudo e autorizaram o uso de imagem para fins de divulgação científica.

O processo de formação ocorreu na Universidade La Salle, em 2018, por uma equipe interdisciplinar de professores e promovida pelo Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq (<http://nete.unilasalle.edu.br/>), coordenado pela professora Elaine Conte. Na tentativa de compartilhar experiências com as tecnologias na educação e refletir sobre a importância da democratização dos conhecimentos, desde o primeiro encontro com os participantes concordamos em fazer uma narrativa visual da própria formação que descrevesse, o que havia ocorrido nesse período, com o objetivo de compartilhar saberes com outros públicos. O processo de documentação visa a construção de sentidos em meio às tecnologias educativas na complexidade do agir pedagógico, do

que é apreendido e tecido junto. Vale destacar que tais experiências foram desenvolvidas com vistas ao próprio processo de formação e discussão das temáticas, e não para o registro e documentação.

Nesta proposta organizada em forma de Curso de Extensão, a partilha de conhecimentos ocorreu por meio de um ciclo de formações composto por dez encontros e teve como público-alvo um grupo criado por demanda espontânea, e composto por 10 professores da rede pública de ensino, 10 estudantes de graduação (estagiárias do curso de Pedagogia) e 10 estudantes da pós-graduação, além dos professores responsáveis pelas oficinas. Na tentativa de dar continuidade às oficinas de formação permanente, a professora responsável pelo curso organizou ao longo de 2019 uma coletânea de ensaios com as temáticas das oficinas, tendo em vista a necessidade de dar visibilidade ao trabalho colaborativo na proposição de projetos entre os professores com a exploração das tecnologias com as crianças na escola. Tal possibilidade de compartilhamento de conhecimentos e experiências pedagógicas no cotidiano escolar gerou este trabalho aqui descrito em forma de relato do projeto. Abaixo ilustramos o *print* do pôster do Curso em questão.

**UNIVERSIDADE LaSalle**

**OFICINAS  
Tecnologias  
na Educação**

Promoção

**NETE** Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação

26 OUT	A tecnologia é uma linguagem - pesquisas educacionais. Equipe do projeto (NETE/UNILASALLE/CNPq) e Profª. Dra. Elaine Conte
27 OUT	HOJ como ferramentas para o desenvolvimento de leitura crítica. Profª. Luana Gleim e Profª. Sabrisi Hoffmann Francisco (NETE/UNILASALLE)
03 NOV	Leitura e Compreensão de Textos como ferramentas de abertura de mundos. Profª. Ms. Anc. Patrícia de Mira e Profª. Ms. Maria Edlene de Paula Kobelt (NETE/UNILASALLE)
10 NOV	Metodologias ativas nos diferentes universos educacionais. Profª. Dra. Fabiane Franchione (UNILASALLE)
17 NOV	Mini-histórias na Educação Infantil. Profª. Cristiane Borges (NETE/UNILASALLE) Estações Rotacionais. Profª. Camilla Massimo e Profª. Juliane Piedade (NETE/UNILASALLE)
24 NOV	Experiências de uso pedagógico da lousa digital. Prof. Ms. Bruno Passos Filho (NETE/UNILASALLE)
01 DEZ	Elaboração e uso de e-books. Profª. Eliza Avila (UNILASALLE)
08 DEZ	Educação personalizada: criando trilhas de aprendizado com Google forms. Prof. Ms. Eduardo Ito Filho (ULBRA)
15 DEZ	Estratégias e recursos básicos de Informática e navegação na internet. Prof. Dr. Rafael Kurst (UNILASALLE)
22 DEZ	Encontro sobre linguagem e tecnologia, discursos e internet. Experiências de letramento e alfabetização na Educação Infantil. Responsáveis Profª. Lucimara Ribeiro Duarte e Profª. Silvana Garcia da Silva (NETE/UNILASALLE).

Informações e inscrições pelo e-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

Fonte: Site do grupo com as oficinas ([http://nete.unilasalle.edu.br/?page\\_id=158](http://nete.unilasalle.edu.br/?page_id=158)), 2020.

Além disso, cabe destacar que o ato de documentar envolve produzir registros durante a jornada das crianças, a saber: fotografias, anotações, filmagens, etc.. Esses registros transformam-se em documentação que é o produto comunicado, neste caso, as mini-histórias, que são narrativas do episódio vivido pelas crianças, seja através do olhar do professor, do gesto e dos vínculos entre as crianças sob a interpretação do adulto (FOCHI, 2019). No entanto, a *documentação pedagógica* vai além de um produto final, pois constitui-se em uma *estratégia de investigação* com ênfase nos laços formativos do processo educativo (FOCHI, 2019). Embora o professor esteja envolvido no projeto pedagógico com as crianças prezando o cuidado, o acompanhamento e o educar, seu papel na EI precisa também restabelecer o diálogo sensível por meio da partilha da documentação, para que a família, a escola e a comunidade possam reconhecer o plano formativo nesta etapa da criança. Isso significa que no momento do registro o professor não interfere nas discussões entre as crianças, mas dá voz e autoria à criança em sua própria ação no mundo. No entanto, essa documentação agrega também a subjetividade do olhar pedagógico no tempo/espaço escolar. Isso significa que o educador inclui em suas escolhas pedagógicas a própria experiência e herança cultural ao tentar capturar, por meio de fotografias, as cenas mais significativas do desenvolvimento de cada criança.

Os processos de formação, ensino e aprendizagem na EI normalmente são de docência compartilhada nas turmas, o que colabora na realização da abordagem de produção cooperativa com mini-histórias. As primeiras condições para a documentação da narrativa visual com mini-histórias são de que o espaço escolar esteja organizado de modo convidativo para o brincar e o explorar das crianças, assim como foi a oficina pedagógica desenvolvida, ou seja, com algumas mini-histórias espalhadas pelo ambiente. Participaram da primeira oficina dez educadoras, na sua grande maioria professoras do município de Canoas e/ou rede privada. Inicialmente, contamos um



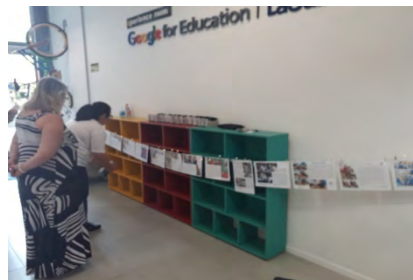
pouco sobre a história de vida com base na prática com mini-histórias na Educação Infantil e como vem sendo desenvolvida historicamente e reelaborada na própria prática investigativa e pedagógica. Em seguida, partimos para um outro processo que foi a prática experimental da oficina para explicar um processo de formação e construção de uma outra narrativa visual que, ao mesmo tempo, era o processo de analisar as evidências da documentação.

Nesse sentido, foram levadas algumas sequências de fotos impressas de crianças de uma turma (com autorização de seus responsáveis) e foi lançada a proposta de que em folhas A3, em duplas ou trios, as participantes produzissem mini-histórias e contassem a história expressa por meio das imagens. Mas, como construir uma narrativa visual interpretada? Nesse processo levamos em consideração os seguintes passos: a) recuperar o conhecimento implícito nas fotografias e tentar imaginar uma conversa; b) tornar a imagem visual (de sequências fotográficas) uma construção narrativa e poética à elaboração pedagógica (uma investigação sobre as possibilidades de narração); d) descobrir os conhecimentos produzidos pelas crianças na interação fotográfica apresentada e os assuntos envolvidos em sua construção (edição por parte dos professores participantes), para assim reescreverem a mini-história com uma linguagem compreensível; e) Em relação à formalização visual da mini-história priorizar a escrita de um texto curto, comunicativo e atrativo para todas as pessoas.

Com base em Sánchez (2013), entendemos a *imagem como um dispositivo* que permite causar estranhamentos, simulações, representações da realidade, (re)conhecimentos, narrativas, que podem ser resgatadas pela abertura ao outro, conversando, identificando vozes da infância, ideias, conceitos, enfim, algo que se alinha ao processo de formação. Os passos mencionados acima foram acontecendo simultaneamente durante o processo de visualização das fotografias, leitura de imagens (alguns minutos) e escrita da mini-história proposta.

Neste ponto, enquanto procurávamos referências sobre a temática, aprendíamos novos modos de narração visual com os participantes e construíamos esse relato a partir dos momentos-chave resgatados de cada uma das experiências desenvolvidas com as oficinas.

A partir dos registros fotográficos e da documentação pedagógica dos diferentes processos de formação foi possível construir essa conversação das experiências com mini-histórias. Após a produção narrativa do que comunicavam esses registros fotográficos das crianças, mostrando atitudes e expressões vividas no cotidiano escolar, as professoras foram convidadas a apresentar o relato narrativo e imagético produzido.



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2018).

Ainda, na Universidade La Salle, em 2019, ministramos a mesma oficina, junto à disciplina de Ação docente na Educação Infantil (0 a 3 anos), na condição de palestrante da aula “Experiências de Mini-Histórias na Educação Infantil”. A oficina teve uma apresentação inicial da proposta, contextualizando essa abordagem por meios de teóricos do Brasil e do exterior que investigam a temática e, na sequência, desenvolvemos a aplicação prática com mini-histórias em pequenos grupos, a partir de imagens das crianças atuando em contextos do cotidiano escolar. Vale ressaltar que o diferencial desta oficina foi que produzimos um outro desfecho final para a oficina. A intencionalidade foi contrastar as mini-histórias produzidas na aula com as que já havíamos produzido com as mesmas sequências de imagens. O objetivo foi apontar que cada professor tem um olhar sobre as situações observadas e que essa perspectiva está diretamente ligada à ideia que o professor tem da cultura da infância e das percepções pedagógicas acerca do trabalho com as crianças.



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

Outras duas oficinas foram ministradas em diferentes escolas infantis, públicas, do município de Campo Bom/RS. Uma das escolas foram as professoras que mobilizaram esforços com a gestão escolar para solicitar a oficina por necessidade de conhecer um pouco mais

sobre essa proposta, e a outra escola foi a equipe diretiva que fez o convite. Apresentamos de forma teórico-prática como na primeira oficina as vivências das mini-histórias, mas a parte da experimentação modificamos um pouco. Tratando-se de um grupo específico de uma escola, solicitamos, com antecedência, que as professoras levassem fotos digitais com sequências de imagens de crianças de sua turma e um *notebook* para a produção das mini-histórias. A modificação foi pensada para contemplar e incluir o contexto da escola, visto que na experiência anterior as participantes não conheciam as crianças e não tinham presenciado a cena. Assim, a prática teria mais sentido e contemplaria o exercício da produção conjunta de mini-histórias. Além disso, as participantes poderiam aproveitar o que haviam produzido para usar na composição dos registros das crianças.



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

Em outra oportunidade, em uma escola da Rede Municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS, partilhamos, em 2019, a experiência prática com as mini-histórias. Nesta escola, a comunicação e oficina ocorreram como nas escolas de Campo Bom/RS onde apresentamos um breve relato e um vídeo para contextualizar as mini-histórias. Neste encontro, as professoras trouxeram imagens das crianças de suas respectivas turmas, para pensarmos enredos e formas de produzir escritas em (co)autoria e articulação com as imagens.



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

No desenvolvimento das oficinas criamos um roteiro baseadas na própria experiência de trabalho com as mini-histórias, buscando formas de traduzir metodologicamente a produção destas na escola. Fochi (2019) apresenta também um pequeno guia de como escrever uma mini-história. A seguir, elencamos um guia de sugestões para dar os primeiros passos nessa abordagem, com base em nossas reconstruções pragmáticas.

- Promova experiências ricas no mundo e com materiais diversos, em conjunto com as crianças (GANDINI, 2019).
- Registre cenas do cotidiano das crianças, sequência de fotos que mostrem atitudes, interações, narrativas, olhares, situações da vida real, expressões...

- Observe as crianças, perceba, faça os registros e escolha algo para contar. Busque identificar um fio narrativo que ajude na construção do texto.
- Reconheça que todas as linguagens expressivas, cognitivas e comunicativas das crianças se formam por reciprocidade e se desenvolvem por meio de experiências (GANDINI, 2019). “É essencial preservar nas crianças (e em nós mesmos) o sentido de encantamento e surpresa, pois a criatividade, assim como o conhecimento, é filha da surpresa”. (GANDINI, 2019, p. 36).
- Reconheça as possibilidades da criança em construir novas formas de linguagem, constituindo-se coautora na participação da aprendizagem em suas variações históricas e socioculturais (GANDINI, 2019).
- Organize as imagens em um *slide* de *Power Point*. Atente-se ao *layout*, ou seja, para a disposição do texto e imagens.
- Comece a escrever, inicialmente em forma de texto descritivo e depois volte e escreva com o sentido pedagógico dessa vivência.
- Leia e pense sobre o que você escreveu, se estas palavras acolhem a complexidade da lógica da troca e do compartilhamento na ação das crianças.
- Ofereça para alguém ler e observar se o texto está claro e criativo, ou se a colega tem alguma sugestão para modificação. Reescreva se for necessário.
- Salve em formato *JPEG*. Imprima e compartilhe em um lugar visível para que os colegas, familiares e crianças possam visualizar. Publique digitalmente na rede social da escola para adquirir mais conhecimento pedagógico interpares e sentido socioeducacional.

Além das oficinas com as mini-histórias, partilhamos a experiência e desdobramentos delas em fóruns de 2017, 2018 e 2019, da Rede Municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS, que abre espaço anualmente para os professores compartilharem práticas educativas. O relato apresentado em 2018, foi publicado em 2019, na Revista Saberes em Foco, produzido pela Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (SMED). As imagens abaixo são do acervo pessoal da pesquisadora (2018).



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2018).

## UMA MANEIRA DE OLHAR PARA O MUNDO

Os encontros resultaram em inspiradoras conversas entre educadores. Na primeira experiência, as participantes demonstraram bastante interesse e entusiasmo, mas destacamos ser necessário esforço para envolver e mobilizar os professores que atuam nas escolas de Educação Infantil em cursos de extensão. Acharam difícil começar a escrita pois não sabiam por onde começar e

não possuíam o hábito da escrita em coautoria. Relataram que encontraram dificuldade visto que não conheciam a criança e não sabiam o que ocorreu de fato nesses momentos registrados pela sequência de práticas. Realizaram relatos diversificados, alguns mais poéticos, outros mais descritivos e objetivos. Alguns curtos, outros mais extensos. Mas ficaram orgulhosas no momento de apresentar e socializar o resultado para o grande grupo.



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2018).



Frente a isso, rejeitamos a hipótese de que as imagens falam por si mesmas, e em relação à produção de mini-histórias, as interpretações narrativas e ponderações são condicionadas por percepções e valores constitutivos do horizonte da própria vivência prática. Ao refletir sobre o apontado pelas educadoras na primeira experiência, nas escolas de Campo Bom/RS, resolvemos partir do contexto da escola, aproximando a prática do trabalho pedagógico. É uma perspectiva de epistemologia socioconstrutivista que ganha legitimidade no variado terreno dos conhecimentos pedagógicos, das construções sociais e das práticas humanas. Na escola onde as educadoras solicitaram a oficina, a prática foi bem aceita, com entusiasmo e alegria, envolvendo os múltiplos agentes do conhecimento. Demonstraram satisfação em expressar as narrativas com base nas imagens e conseguiram realizar plenamente o que foi proposto. Na outra escola, onde a equipe diretiva idealizou e agenciou a proposta foi um pouco diferente a recepção do grupo. Algumas participantes demonstraram interesse e ficaram felizes. Outras pareciam desmotivadas e não conseguiram concluir a atividade proposta no dia. Em relação à tecnologia, ficou evidente que algumas profissionais não sabiam lidar com ferramentas simples como *Power Point* e edição de imagens. Esse fato chamou a nossa atenção, visto que a tecnologia está tão presente no cotidiano das pessoas, mas ainda não sabemos usar os *softwares* básicos<sup>2</sup>. Nas escolas da rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo/RS, as professoras estavam motivadas e com muitas dúvidas sobre a escrita. Conversamos que não existia uma verdade textual a ser seguida, mas que algumas coisas deviam ser observadas na escrita. Neste dia, pensamos juntas alguns possíveis enredos a partir das imagens que trouxeram. Posteriormente, acompanhamos a produção dessas mini-histórias das participantes, por meio do *Facebook* da escola.

2 Os referidos softwares básicos se tratam do pacote *Office da Microsoft*, em específico *Word*, *Excel* e *Power Point* considerados imprescindível a utilização destes softwares no cotidiano do trabalho em escritórios.

### Mini-história produzida a partir da oficina realizada na rede municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS

#### A Descoberta de Gustavo



Em meio a uma manhã agitada, com todos os acontecimentos do cotidiano, Gustavo se depara com uma intrigante descoberta.

Manuseia de um lado, olha, parece analisar para tentar entender e conhecer a textura, o cheiro daquele material desconhecido.

De repente, algo lhe chama atenção, um grito, uma risada, uma conversa, alguém entrando na sala. Mas, será que isso será o bastante para Gustavo deixar sua descoberta?

Eis que, encantado com aquela cor forte, aquela textura arenosa, áspera e de fácil manipulação volta-se para sua experimentação alheio a tudo em sua volta.

EMEI Leonel de Moura Brizola/ Texto e Fotos: Prof. Jaqueline/ Criança: Gustavo

Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

### Mini-história produzida a partir da oficina realizada na rede municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS

#### A ÁRVORE QUE ENCANTA



Laura observando em silêncio com seu olhar vivo, penetrante, e sem medo de demonstrar suas emoções, como uma exímia pesquisadora avalia cada segundo de contato com a natureza, em busca de respostas para algumas hipóteses que estariam passando por sua cabeça. Para quem apreciava este momento de fora, pareciam horas, horas aquelas que poderiam descrever: a magia do contato ali vivido. Em um instante Laura olhou para o lado e chamou sua colega Amanda para dividir junto com ela e que a encantou. Talvez pensou que juntas conseguiriam investigar melhor.

O que será que tinha nesta árvore, que encantou tanto Laura e Amanda? Doce mesmo, é o olhar de uma criança, é ver o poder da criação e da sua criatividade.



Crianças: Laura e Amanda

Faixa Etária: 2A

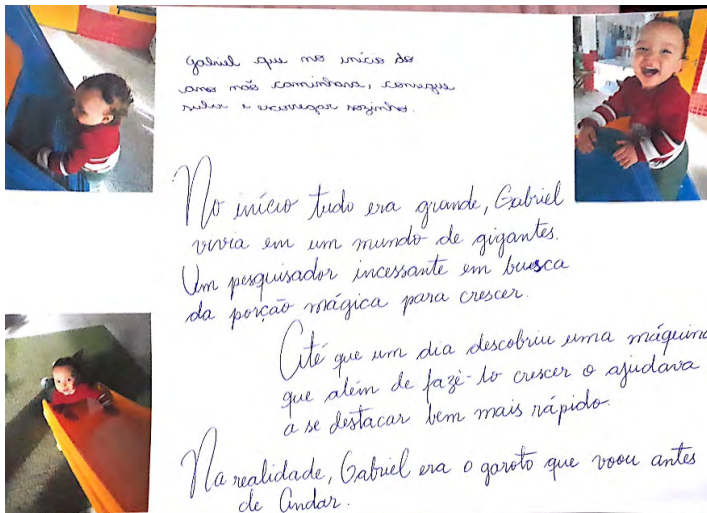
Texto e Fotos: Júlia Santos



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

Na partilha de experiências sempre aprendemos, pois professores estão em constante aprendizado em suas relações com as crianças – artistas de cem linguagens em seus ateliês, “onde há tempo para olhar e escutar, para a liberdade de expressão, e onde existe o compromisso de aprofundar as questões que devem ser abordadas: as próprias qualidades de criatividade, imaginação, expressividade [...]” (GANDINI, 2019, p. 17). Assim, na oficina realizada com o grupo de estudantes da disciplina de Ação docente na Educação Infantil fomos levadas a pensar sobre diversos aspectos, sendo um deles os diferentes olhares que podemos ter diante da mesma situação e das mesmas crianças. Discutimos sobre isso a partir da comparação das mini-histórias produzidas pelos graduandos e a produzida pela professora da turma, que visualizou e realizou a produção da sequência fotográfica da criança. Não se trata aqui de juízo de valor, mas de visões diferentes acerca do mesmo fato, da posição dos participantes, que revela a diversidade e as tensões que podem surgir durante o processo. Também é interessante observar que os estudantes de Pedagogia normalmente têm uma ideia romantizada das crianças. A revisão crítica dessa aula nos fez ver que muitos perceberam as mini-histórias como uma escrita inventiva, não dando-se conta de olhar para a criança como um sujeito real que desenvolve aprendizagens no cotidiano.

### Mini-história produzida na oficina por um grupo de estudantes a partir das imagens e contextos disponibilizados



Gabriel que me uniu de  
dois nós comissões, sempre  
nada e sempre nojinho.

No início tudo era grande, Gabriel  
via em um mundo de gigantes.  
Um pesquisador incessante em busca  
da porção mágica para crescer.

Cite que um dia descobriu uma máquina  
que além de fazê-lo crescer o ajudava  
a se destacar bem mais rápido.

Na realidade, Gabriel era o garoto que voou antes  
de andar.

Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

### Mini-história produzida em coautoria em uma turma de docência compartilhada

#### A conquista de Gabriel

Ao longo deste semestre Gabriel conquistou a marcha, e gradualmente seus movimentos lhe possibilitaram uma liberdade maior de deslocamento. Isso contribuiu para que de forma mais autônoma pudesse eleger espaços para brincar. Neste dia, o escorregador foi seu foco de interesse. Com muita determinação aproximou-se, e começou a escalar. Parecia ser um longo caminho, mas Gabriel estava disposto a tentar. No meio do percurso, me procura com o olhar. Eu, e os outros professores que acompanham a cena, o incentivamos a continuar.



Quando Gabriel chega lá no topo, sorri euforicamente realizado com sua conquista. É chegado o momento de escorregar. Para nossa surpresa, encontra uma forma rápida de descer. Impulsiona-se e vira-se de bruços, e quando chega lá embaixo sorri novamente satisfeito. Levanta-se e vai novamente várias vezes. Presenciamos toda esta aventura, felizes em ter o privilégio de participar do crescimento de Gabriel.

Que assim como Gabriel, tenhamos sempre um sorriso largo no rosto para experimentarmos o gosto doce que a vida tem.



Criança: Gabriel  
Imagens: Cristiele  
Texto: Bruna, Cristiele  
e Joandre Turma FE1  
Julho/2019



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

Tanto os autores brasileiros quanto os italianos que abordam e desenvolvem o trabalho na perspectiva da cooperação, do raciocínio das cem linguagens das crianças e da produção de sentido com as mini-histórias provocam nossas próprias transformações profissionais e dos membros da comunidade de aprendizagem. Nesse cenário, tal proposta tem gerado a participação em diferentes prêmios, por meio do diálogo dessas práticas integradas ao trabalho conjunto na Educação Infantil<sup>3</sup>.

## DISCUSSÕES E FORMAS DE EXPRESSÃO

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

(FREIRE, 1996, p. 47)

Com a prática realizada algumas discussões são relevantes, no sentido de identificar que as experiências com mini-histórias (assim como o ateliê) têm um efeito importante, provocador e perturbador sobre ideias didáticas ultrapassadas (GANDINI, 2019). Para isso, o professor precisa estar em constante formação, que implica inclusive sedução estética e narrativa, princípio centrado no cuidado com o outro, na escolha de materiais potentes, na harmonia estabelecida na combinação entre os mesmos, para que ocorra caminhos possíveis a investigações, experiências, tentativas e aprendizagens lúdicas significativas, com ressignificados e atualização do próprio trabalho pedagógico. Superar a acomodação e os pretextos para justificar a

3 Vale destacar, nesse sentido, o destaque recebido em 2017, no Prêmio Professores do Brasil na categoria creche RS, e o destaque como finalista entre 4.876 projetos inscritos do Prêmio Educador nota 10 em 2019, maior e mais importante prêmio da Educação Básica brasileira. Este último reconhecimento contribuiu para dar ainda mais visibilidade à prática com as mini-histórias na Educação Infantil, pois a cidade, a prefeitura municipal e a SMED valorizaram muito este envolvimento local/regional com o prêmio Educador nota 10. Reportagem de Jornal NH 12/07/2019. Disponível em: [fvc.org.br/especiais/50-finalistas-2019](http://fvc.org.br/especiais/50-finalistas-2019) (2019).

falta de comprometimento com a cultura da infância exige do professor o planejamento de ações e espaços para a aprendizagem das crianças enquanto garantia de práticas inventivas que façam sentido para as crianças, famílias e a comunidade. É possível desenvolver práticas dentro do contexto com intencionalidade educativa e conhecimento epistemológico, refletindo sobre o que se está fazendo na prática e não apenas reproduzindo o que sempre se fez nas escolas de Educação Infantil. É cada vez mais necessário que toda a criança seja respeitada em seu protagonismo infantil de ser ativo na construção do seu processo de aprendizagem. Isso engloba as possibilidades relacionadas à escolha das materialidades e interações, bem como o respeito ao tempo e ao processo das aprendizagens na infância, da *escuta sensível* do educador diante de sua fala, gestos e comportamentos (do corpo como um todo) da criança no cotidiano escolar.

Outro ponto que merece atenção é o fato da motivação pessoal e profissional do educador. As oficinas tiveram mais sucesso e envolvimento com as participantes que buscavam formação e novos conhecimentos por interesse gerado pelo próprio trabalho. A ressignificação de saberes no cotidiano escolar assusta, pois pressupõe sair da zona de conforto e criar com as próprias mãos, um lugar de sensibilização, exploração, um ambiente escolar planejado para conectar as crianças com o mundo. Contudo, é extremamente gratificante quando podemos olhar para trás e ver o quanto avançamos no trabalho profissional, ou seja, como professor que valoriza a bagagem cultural de cada educando em sua singularidade, o tempo e o espaço para a criação conjunta na escola, bem como para a potencialização do brincar e a contemplação de todos os *campos de experiência*, por meio das mini-histórias (BRASIL, 2017).

O olhar que se tem em relação à infância e as crianças influi diretamente na construção dos registros. A forma como o professor descreve determinada situação conta por vezes muito sobre sua prática

pedagógica e no que acredita. As mini-histórias enquanto registros das histórias vivenciadas nas infâncias refletem também o profissional, suas escolhas e formas de narrar aquela criança em ação, alcançando as mais variadas áreas do conhecimento humano.

Escolher contar algo sobre as crianças diz muito mais do que querer contar tudo. Ao mesmo tempo em que narramos sobre as crianças que protagonizaram as histórias, também estamos falando sobre a infância enquanto uma categoria geracional, e, portanto, que é histórica e socialmente construída. Por isso, as mini-histórias transformaram-se em metáforas narrativas que nos contam sobre os processos de aprendizagem e construção de significados pelos meninos e meninas. É possível também saber muito sobre o professor e sobre a escola em cada mini-história, pois aquilo que é escolhido ser narrado representa o conjunto de crenças e valores celebrados pela instituição e concretizado no cotidiano pedagógico. (FOCHI, 2019, p. 23).

Os mecanismos de reprodução cultural e social, acentuados por meio das tecnologias (textos, fotos, imagens digitais), desde a Educação Infantil precisa cooperar com a reinvenção de todas as esferas sociais. A escola não pode continuar sendo o local que nega, que foge do diálogo com esse importante meio de comunicação e socialização de aprendizagens. É emergente que os profissionais da educação saibam mediar esses mundos e usar as tecnologias em benefício do desenvolvimento e da educação integral da criança à produção do conhecimento social.

## AS SINGULARIDADES DAS EXPERIÊNCIAS

Assim, o papel da documentação pedagógica e da narrativa visual e poética realizada com as experiências colaborativas aqui descritas foram utilizadas para a investigação, servindo como estratégias de produção de conhecimentos para produzir e contar

histórias, além de desvendar os processos de compreensão das narrativas visuais como dispositivos de engajamento e (co)autoria. Algumas questões acerca das singularidades das experiências pedagógicas desenvolvidas com mini-histórias vêm à tona. Afinal de contas, como e por que documentar os processos de formação desde a EI? Como desenvolver o olhar investigativo na EI? No que impacta o comprometimento pedagógico e o trabalho conjunto para a busca de sentido da cultura infantil? “Pode-se falar do *agir humano* em geral e nele englobar as práticas artísticas, ou estas constituíram uma exceção às outras práticas”? (RANCIÈRE, 2009, p. 63). Talvez um passo importante para o processo formador esteja no encontro comunicativo com o outro pela cultura da infância, no sentido de estimular a partilha do sensível que dá forma à comunidade de investigadores, com práticas educativas repletas de expressão e (co)autorias. Os exemplos aqui discutidos, em cada oficina, são evidentemente uma pequena amostra de tentar desenvolver a autoria dos participantes, dando a oportunidade de compartilhar práticas e aprender junto em meio aos desafios da atualidade. Esse processo despertou a *criatividade como qualidade do pensamento* e o desejo pela formação permanente de professores (GANDINI, 2019). Precisamos investir esforços e estudos para compartilhar conhecimentos na prática pedagógica cotidiana, pois vemos nos cursos de formação universitária a inexistência de professores identificados com as experiências da realidade escolar. Teoria sem prática torna-se um abstracionismo pedagógico descontextualizado. Formação profissional sem prática sociocultural não faz sentido. Por acaso, um médico em formação é ensinado por um professor de medicina que nunca operou alguém? Da mesma forma, professores de graduação, especialização e outros cursos precisam saber do que estão falando, e precisam buscar atualização constante, realizando pesquisas dos contextos educacionais que são moventes e (re)construídos a todo instante.



As mini-histórias projetam experiências complexas de interação humana, comunicação dos contextos vividos e confirmam sua autenticidade e relevância ao serem reconhecidas e potencializadas na produção pedagógica interpares. Se faz extremamente necessário compartilhar as práticas desenvolvidas na Educação Infantil, para inspirar outros profissionais a desenvolverem um trabalho mais respeitoso e honesto com as crianças. Soma-se a isso, o fato da valorização da Educação Infantil que só ocorrerá se o professor tiver coragem de buscar formação constante, estar em posição de aprendiz e cultivar saberes epistemológicos da profissão para narrar seus percursos formativos, tornando-se um professor pesquisador junto às crianças. A ideia das mini-histórias precisa ser construída na estrutura mental de um educador que saiba escutar, tirar o invisível de todas as linguagens (oral, corporal, de estar com o outro), dando vida ao trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil, pois nessa etapa relacionamos aprendizagens para a vida.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf) Acesso em: 30 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOCHI, Paulo Sergio. *A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil - OBECI*. 346p. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Doi:10.11606/T.48.2019.tde-25072019-131945.

FOCHI, Paulo Sergio. *Afinal, o que os bebês fazem no berçário?* Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

FOCHI, Paulo Sergio. *Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - OBECI*. 1. ed. Porto Alegre: Estudos Pedagógicos, 2019.

GANDINI, Lella. Do início do ateliê aos materiais como cem linguagens: pensamentos e estratégias de Loris Malaguzzi. In: GANDINI, Lella et al. (Orgs.). *O Papel do Ateliê na Educação Infantil: a inspiração de Reggio Emilia*. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 27-38.

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, mai./ago. 2006.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. 2. ed. São Paulo: EXO Experimental, 2009.

SÁNCHEZ, Serdio A. Visualidade, produção de conhecimento e pedagogia da mirada. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação*. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013. p. 345-370.

SANTOS, Cristiele Borges; CERON, L.. Mini-histórias: uma comunicação que torna visível a vida cotidiana na creche e aproxima família e escola. *Saberes em foco*, v. 2, p. 199-210, 2019.

SANTOS, Cristiele Borges; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. Pedagogia das imagens na educação infantil: mini-histórias e a documentação pedagógica. *Educação Em Perspectiva*, Viçosa, MG, v. 10, p.1-16, 2019. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v10i.8127

SANTOS, Cristiele Borges; CONTE, Elaine. Mini-Histórias: uma possibilidade de comunicação e aprendizagens sociais na Educação Infantil. In: CASAGRANDE, Cledes Antonio; JUNG, Hildegard Susana; FOSSATTI, Paulo (Org.). *Desafios e Práticas Docentes na Contemporaneidade: as séries iniciais em foco*. 1. ed. Canoas: Unilasalle, 2019, v. 1, p. 196-209.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Culture and value*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.